



Onésimo Teotónio Almeida

Eduardo Lourenço e os Açores

Eduardo Lourenço esteve algumas vezes nos Açores. Estou a lembrar-me de quatro. Ou talvez cinco. No programa que, entre 2001 e 2003, mantive na RTP-Açores, tive-o como convidado e o tema foi o nosso arquipélago, a falar precisamente dele no contexto cultural português. Não era a paisagem natural que o apaixonava. Recordo-me de, naquela que foi a última das suas visitas, Lourenço ter de ir fechar-se no quarto do hotel para escrever a sua conferência – o que nele era um hábito – desinscrevendo-se de um passeio às Furnas. Tive de insistir para que não desistisse da viagem. Eu sabia bem que ele já lá tinha estado durante a Presidência Aberta, de Mário Soares, em 1989, nessa altura como membro do júri no primeiro ano do Prémio Camões; mas tinha sido uma experiência singular de chuva torrencial que não dera para se ver nada, como já contei no meu livro *Quando os Bobos Uivam*. Dessa outra vez, acabou cedendo e integrou-se mesmo na excursão organizada para os congressistas. No regresso, esperava ouvi-lo sobre as suas impressões da paisagem, mas do que afinal me falou entusiasmado foi da alta qualidade do português do cicerone, que era o meu tio, José Carreiro de Almeida (na sua aposentadoria de muitos anos de professor, delicava-se a mostrar a ilha a visitantes como guia turístico). *Há muitos anos* – dizia-me com espanto Eduardo Lourenço – *que não ouvia um português assim tão vernacularmente impecável!*

Nos Açores, a sua grande admiração ia para Antero, sobre quem escreveu com profunda empatia. Havia nele uma grande identificação com as obsessões metafísicas de Antero e a sua poesia tocava-o particularmente. (Para os interessados, fica a recomendação dos seus livros *Poesia e Metafísica. Camões, Antero, Pessoa* (Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983, e *A Noite Intacta. (I) recuperável Antero* (Vila do Conde: Centro de Estudos Anterianos, 2000).

Nunca dos seus inúmeros ensaios, escreve assim sobre Antero:

Não há na nossa literatura, nem mesmo Camões, poeta tão naturalmente universal como Antero de Quental, dada a natureza ideal e intemporal da sua inspiração e o conflito que a alimenta, pura interpretação do espírito por si mesmo no meio de um mundo incompreensível. Nenhum objecto empírico, natural ou histórico, é, ao menos nos Sonetos, material determinante da sua poesia. Os Açores como qualquer outro. É como se estivesse só no Universo, ilha pura, sem qualquer arquipélago.

Lourenço admirava também Nemésio, tal como apreciava e respeitava muitos outros açorianos que conheceu de perto. Em tom de brincadeira, falava-me da “máfia açoriana”, pois parecia-lhe que estávamos tão profundamente ligados a ponto de sermos incondicionais uns para os outros. Mário Soares partilhava dessa opinião. Para ambos, quando se tratava da defesa dos Açores, “a máfia” colocava-se imediatamente toda do mesmo lado.

Numa das suas intervenções num colóquio em Angra, em 1987, referiu-se assim às nossas ilhas:

Eu sei – e se não soubesse a realidade histórica e mítica do Arquipélago mo lembraria – que não estou precisamente em Viana do Castelo nem em Bragança que não são definidas na Constituição como regiões autónomas (e que o fossem...) mas nos Açores, território e realidade singular no espaço de raiz e invenção portuguesas a que os séculos, a distância e os homens imprimem uma identidade particular.

Mais adiante, prossegue:

Só no caso dos Açores me parece representar a forma mais pura do autonomismo, quer dizer, de um estatuto à parte no conjunto nacional, fundado num sentimento de diferença de estrutura positiva e não meramente ressentida, diferença que existe e deve ser preservada nos termos que são os seus, mas não exacerbada, nem na ordem política, nem na cultura.

E ainda no mesmo texto:

A questão entre Portugal e os Açores é uma questão de conhecimento, de mútuo reconhecimento. Este reconhecimento mútuo é necessário e urgente para que uns e outros não deliremos sobre puros fantasmas.

Oito anos mais tarde, num outro colóquio, agora em Ponta Delgada, para celebrar o 1º centenário do movimento autónomico dos Açores,

Eduardo Lourenço escrevia ainda no mesmo comprimento de onda da sua intervenção anterior. Discorrendo sobre os imaginários “que em portuguesa língua começavam a reger-se por vivências, sensações e sentimentos”, avança afirmando:

O seu exemplo puro são os Açores, naturalmente. Aqui começamos a ser mais e menos do que éramos e sem o saber ainda, outra coisa, primeiro vivida sem consciência disso, como tudo no mundo e, pouco a pouco, num misto de

fascínio, orgulho e distância que não era só a do ponto de partida europeu mas de nós mesmos. Essa distância, paradoxalmente sofrida e amada, nada tem a ver com a decantada consciência de periferia, [...] mas de uma espécie de sublime e ontológico exílio. E é nesse exílio e contra esse exílio que a alma açoriana se construiu, emigrando ou lutando para não emigrar mais mas, sobretudo, construindo sobre ele uma música que no interior da cultura lusíada desenha uma outra configuração, aquela a que Antero conferiu a mais alta universalidade abstrata, e Nemésio, um corpo de imagens, de sentires, de rituais, de sensíveis memórias familiares que são o universal concreto, moderno, do imaginário açoriano.

E, logo a seguir, uma declaração inequívoca:

O caso dos Açores é único porque nesse imaginário desde a inclusão vivida na nossa relação secular com o mar – éramos povo marinheiro e aqui começámos a ser marítimos e novos atlântidas até à galaica saudade, tudo aqui é o mesmo e outro, tudo aqui foi tingido não apenas da nossa existencial melancolia, mas daquele halo fantasmagórico onde a história comum [...] pode suscitar, para quem tem a imaginação de Agustina [Bessa Luis], a fabulosa visão fabulosa do Concerto dos Flamengos. Também aqui confluem ou refluem ecos e miragens de uma peregrinação pelo mundo propriamente açoriano que não tem equivalente no Continente. Não como restos da ressaca imperial, mas como relíquias de viagens, estadias noutras mundos e, coisa importante, noutras culturas e línguas como se nos estivéssemos ainda dispersando, perdidos e achados em mares da China de outrora.

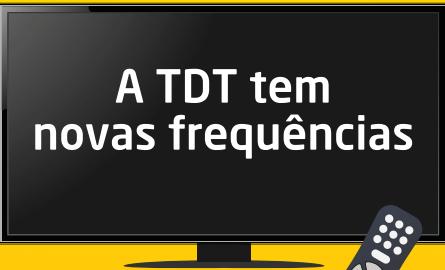
Foram longas as citações, mas elas valem bem mais do que qualquer comentário. Ficam aqui registadas com um saudoso abraço açoriano.

Pub.



ANACOM :: AUTORIDADE NACIONAL DE COMUNICAÇÕES

**Vê televisão gratuita?
Conhece quem veja?**




A sua televisão ficou sem imagem?



Sintonize a sua TV para continuar a ver os canais gratuitos nacionais

Dúvidas? Ligue grátis 800 102 002